

**ORGANIZAÇÃO E FORTALECIMENTO DE UM GRUPO
SOCIAL LIGADO À CULTURA POPULAR E A CONQUISTA
DO SEU ESPAÇO NO CENÁRIO SÓCIO-CULTURAL DO RE-
CIFE: O CASO DAS AGREMIações CULTURAIS
(CARNAVALESCAS) DE BOIS DE CARNAVAL¹**

Cláudio Jorge Moura de Castilho

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco – Departamento de Geografia
Av. Acadêmico Hélio Ramos, s/n, Várzea, Recife, PE, Brasil.
cjmc@ufpe.br

Recebido 22 de abril de 2005; revisado 23 de maio; aceito 28 de maio.

Resumo – Neste ensaio, analisa-se o papel da organização e do fortalecimento do grupo cultural Bois de Carnaval, ligado à cultura popular no processo de conquista do seu espaço no cenário sócio-cultural da cidade do Recife – estado de Pernambuco. Isto numa perspectiva geográfica para a qual o espaço é, ao mesmo tempo, uma existência corpórea e uma existência relacional; uma totalidade em permanente processo de totalização. Nesse sentido, buscando a natureza sócio-filosófica desse processo, delineamos alguns elementos inerentes à organização e ao fortalecimento do referido grupo cultural visando ao seu reconhecimento; chamamos a atenção à necessidade de delimitar e articular forças com outros atores sócio-espaciais; aventamos novas necessidades de pensar e atuar sócio-espacialmente; e delimitamos alguns impasses a serem superados pelo movimento social.

¹ Reflexão teórica acerca de alguns dos resultados das discussões realizadas durante o “Seminário Cultural os Bois Pedem Passagem”, organizado sob a coordenação do Sr. Aelson da Hora e com o apoio da Fundação de Cultura da Cidade do Recife, no dia 21 de maio de 2005, no auditório do Forte das Cinco Pontas. Participaram deste evento, sobretudo, representantes das seguintes agremiações: Boi Faceiro, Boi Malabá, Boi Câmara, Boi de Tanga, Boi da Cara Branca. Havia representantes de outras manifestações culturais e artísticas da cidade, porém, preferimos citar apenas aquelas que, efetivamente, promoveram este evento.

Palavras Chave – Organização social, fortalecimento social, grupo social, movimento social/cultural, agremiação carnavalesca, Bois de Carnaval.

Abstract – This essay is an effort to analyse the role of the organization and powerful processes of a cultural group called ‘Bois de Carnaval’ relating to the popular culture in Recife – situated in Pernambuco state – in order to get its space in the social-cultural scenery of the city; and this happens under a geographic perspective of which the space is, at the same time, a body and a relationship as a complexity and totality, always in motion. So we drew some elements with reference to the organization and powerful processes of the ‘Bois de Carnaval’ in order to obtain its social acknowledgements; we caught the cultural group’s eye about the importance to know and create relationships with others social-space actors; we showed up the need to build new thoughts and practices regarding social actions; and we pointed out some problems to be resolved in the process of social movement. These four tasks were outlined in order to find the real social and philosophical nature of the production of geographic space.

Keywords – Social organization, social powerful, social group, social/cultural movement, carnival association, “Bois de Carnaval”.

INTRODUÇÃO

Este ensaio pretendeu analisar e explicar o processo de mobilização social do grupo sócio-cultural dos Bois de Carnaval do Recife na busca da articulação de um movimento social, identificando alguns dos passos dados pelo movimento, bem como os impasses enfrentados à conquista do seu espaço não somente no cenário cultural, mas também social da cidade.

Ao mesmo tempo, pretendeu-se evidenciar o papel relevante que a cultura – e neste caso uma manifestação específica e relevante da cultura popular – vem

desempenhando na dinâmica contemporânea da nossa cidade, “pedindo passagem” e reivindicando a sua efetiva participação na gestão cultural da cidade; o que ressalta a visibilidade de outros interesses que passam a contribuir para o processo de construção da cidade para todos.

As idéias aqui colocadas expressam não somente o conteúdo da nossa intervenção – tendo sido esta, portanto, a base de estruturação deste texto – no Seminário Cultural os Bois Pedem Passagem, assim como algumas das soluções apontadas no processo de discussão empreendido pelo conjunto dos participantes do evento.

Esta experiência despertou o nosso interesse de refletir acerca do papel efetivo da cultura no processo de produção do espaço geográfico; e isto se deu, não do ponto de vista de uma “geografia cultural” tradicional que fragmenta e isola os fenômenos sociais do seu contexto histórico-geográfico em que acontecem. Também não queremos desconsiderar o papel dinâmico e importante de qualquer que seja a área da abordagem geográfica, incluindo a chamada geografia cultural, tem desempenhado no processo de evolução da geografia. No que diz respeito à geografia cultural, concordamos com Macdowell (1996: 159) quando diz que:

A geografia cultural é atualmente uma das mais excitantes áreas de trabalho geográfico. Abrangendo desde as análises de objetos do cotidiano, representação da natureza na arte e em filmes até estudos do significado de paisagens e a construção social de identidades baseadas em lugares, ela cobre numerosas questões. Seu foco inclui a investigação da cultura mate-

rial, costumes sociais e significados simbólicos, abordados a partir de uma série de perspectivas teóricas. [destaques nossos].

Por outro lado, preferimos partir de uma perspectiva geográfica não específica, mas abrangente a qual articula todas as dimensões da realidade em sua complexidade e totalidade no âmbito do processo de produção do espaço geográfico dos homens e das mulheres em sua dinâmica permanente. Neste sentido, a dimensão cultural é compreendida no âmbito de relações transversais com as dimensões sociais, políticas, ideológicas e territoriais.

Com efeito, caminhamos, em outro sentido, ou seja, no daquele que pretende contribuir para a construção de uma geografia conseqüente a qual busca rearticular os fragmentos resultantes de um processo de fragmentação vinculado ao contexto da chamada “pós-modernidade” analisada criticamente por David Harvey (2004; 2005), captando a verdadeira natureza filosófica dos fenômenos inerentes ao contínuo e sempre inacabado processo de produção do espaço geográfico.

Desse modo, teremos condições de melhor compreender e fazer compreender a questão aqui abordada, contribuindo, assim, para que a sociedade consiga, por ela mesma, captar o movimento da realidade onde vive e atua. Isto para construir e concretizar o seu projeto de uma sociedade alternativa à existente, fortemente segregadora e excludente em todos os níveis da vida social.

Diante do exposto no parágrafo acima, faz-se mister compreender e fazer compreender os processos de organização e fortalecimento dos grupos sociais, visando à conquista do seu espaço na vida social; a identificação e o papel dos

atores envolvidos, a importância da articulação entre eles nos referidos processos; bem como as formas de pensar e atuar e a identificação de impasses a serem discutidos e superados.

ALGUNS ELEMENTOS PARA A ORGANIZAÇÃO E O FORTALECIMENTO DE UM GRUPO SOCIAL LIGADO À CULTURA POPULAR E A CONQUISTA DO SEU ESPAÇO NA SOCIEDADE

A consciência de que existem preconceitos para com os Bois de Carnaval² na sociedade assim como a de que, por esta razão, estas manifestações populares estão sendo discriminadas no cenário social da cidade foram os motivos que levaram os seus representantes a organizarem o Seminário Cultural os Bois pedem Passagem; o que, para nós, já constitui um passo muito importante à realização de um dos seus principais objetivos: tornarem-se visíveis e valorizados socialmente, e não somente como uma mera manifestação folclórica.

Com efeito, é se organizando para colocar e discutir as idéias, os problemas e as necessidades referentes aos seus interesses e às suas práticas sociais que os grupos sociais se tornam visíveis e fortes como movimento social. E é mediante o seu fortalecimento, como movimento social, que os grupos sociais se tornam capazes de defender os seus interesses e, por conseguinte, o seu espaço – ao mesmo tempo material e imaterial – no cenário não somente da cultura

² Manifestação cultural que, para Hermilo Borba Filho, como foi lembrado ao início do evento, não se limita a um mero folguedo, mas constitui, ao mesmo tempo, um teatro popular e um brinquedo. Trata-se de um teatro de arena que traz personagens dos mundos animal e humano com base no cotidiano das pessoas que o representam, mediante o ritual de cunho religioso de morte e ressurreição do boi.

popular – do qual historicamente já fazem parte como “brincantes” – mas também da sociedade.

Dessa maneira, o grupo cultural dos Bois de Carnaval do Recife começa a articular um movimento social na busca da concretização dos seus objetivos centrais, ou seja: a valorização da força e diversidade da cultura popular (impulsionada pelas instituições dos Bois de Carnaval); a promoção das melhorias organizacionais internas ao grupo; a criação das estratégias de ações junto aos gestores oficiais da cultura local; e a continuação da renovação dos Bois de Carnaval como movimento, simultaneamente cultural e social.

Todavia, além da realização do referido evento, far-se-á necessário continuar esse caminho já traçado, dando outros passos e saltos fundamentais à concretização daqueles objetivos acima lembrados, pois a conquista do espaço, em qualquer que seja a instância da sociedade, é um processo sempre contínuo e aberto. Por isso que, dentre os próximos passos, sugerimos e colocamos em pauta, no processo de discussão: a articulação de forças com outros atores sociais; a busca de novas posturas culturais no pensar e no atuar do movimento social; e a delimitação dos impasses a serem superados.

A ARTICULAÇÃO DE FORÇAS COM OUTROS ATORES SOCIAIS: UMA PAUTA DE SUGESTÕES

No que diz respeito ao primeiro passo para a conquista do espaço no cenário social da cidade, na busca da valorização da sua manifestação cultural, o movimento dos Bois de Carnaval deverá continuar o processo de discussão acerca das suas experiências; processo este que teve início, primeiramente, com a reali-

zação de uma reunião que aconteceu na Federação Carnavalesca de Pernambuco no dia 12 de maio do ano de 2005 (ASSOCIAÇÃO DAS AGREMIações CULTURAIS DE BOIS DE CARNAVAL DA CIDADE DO RECIFE, 2005), que prosseguiu com a realização do Seminário Cultural os Bois Pedem Passagem e que deve continuar a acontecer sem interrupções.

Com efeito, é a partir dos fóruns de debates que se começa a identificar os atores sociais com os quais, efetivamente se poderá contar; e a delimitar os rumos das ações e das pressões que deverão ser encaminhadas à concretização do processo de aperfeiçoamento não somente quantitativo, mas, ao mesmo tempo, qualitativo das práticas de mobilização social.

No que tange aos atores sociais com os quais se deverá discutir e contar no início do movimento, nós citamos, sobretudo, aqueles ligados: às universidades, aos gestores do executivo municipal, estadual e federal, bem como às organizações não-governamentais (ONGs) e de outras instituições que mantenham vínculos com os lugares onde os Bois de Carnaval se fazem presentes. E isto porque os lugares de vida das pessoas é que reúne as condições para o fortalecimento e a mobilização social. Com isso, nota-se a importância que o espaço geográfico pode assumir no processo de luta à conquista da valorização e do reconhecimento social. Por isso, convém lembrar que:

A localidade se opõe à globalidade, mas também se confunde com ela. O Mundo, todavia, é nosso estranho. Entretanto se, pela sua essência, ele pode esconder-se, não pode fazê-lo pela sua existência, que se dá nos lugares. No lugar, nosso Próximo, se superpõem, dialeticamente, o eixo das sucessões, que transmite

os tempos externos das escalas superiores e o eixo dos tempos internos, que é o eixo das coexistências, onde tudo se funde, enlaçando, definitivamente, as noções e as realidades de espaço e de tempo. No lugar – um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições – cooperação e conflito são a base da vida em comum. Porque cada qual exerce uma ação própria, a vida social se individualiza; e porque a contigüidade é criadora de comunhão, a política se territorializa, com o confronto entre organização e espontaneidade. O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade (SANTOS, 1997: 258).

A contribuição das universidades deverá ser a de estimular e impulsionar o processo do pensar em que medida poder-se-á, de fato, concretizar os objetivos do movimento dos Bois de Carnaval os quais pretendem “abrir passagem” no cenário social da cidade. Ao mesmo tempo, caberia à universidade, mediante um programa de extensão universitária, não somente acompanhar e monitorar o processo de discussão e debate sobre o movimento que pede passagem para os Bois de Carnaval, bem como fomentar e coordenar pesquisas sobre a importância dessas manifestações na sociedade, contribuindo ainda mais para reforçar a sua importância não somente cultural, mas também social⁶ para muitos lugares da cidade.

A geografia em particular, que estuda a sociedade na sua relação com o espaço da vida das pessoas, pode contribuir com a realização de pesquisas que não somente identifiquem e expliquem os lugares em que existe um Boi de Carnaval atuando, através de um “mapeamento desses Bois” na cidade, como também apontem e expliquem os diversos vínculos sócio-culturais que estas instituições criam nos seus lugares de existência. Com isso, aproximamo-nos da perspectiva geográfica de Milton Santos (1980) segundo a qual o espaço geográfico possui, concomitantemente, uma existência corpórea e uma existência relacional como totalidades num permanente processo de totalização.

Ao mesmo tempo, outras disciplinas da universidade (história, antropologia, artes cênicas etc.), num profundo esforço interdisciplinar, poderão aprofundar a análise dos vínculos sócio-culturais existentes entre os Bois de Carnaval e os seus lugares de vida, mediante as especificidades de cada uma, de modo a abordar a complexidade da questão.

Isso no sentido de mostrar – e aqui reiteramos a nossa hipótese central – o papel fundamental que qualquer manifestação da cultura popular poderá desempenhar nos lugares onde atuam, inclusive, como já dissemos acima, como mecanismo efetivo de inclusão social. Daí a relevância da instituição dos Bois de Carnaval não somente como uma manifestação cultural do carnaval, mas, sobretudo, como uma instituição social muito importante para a vida de muita gente; o que justifica o valor que a sociedade lhe deverá atribuir em termos de

³ Quando nos referimos à importância dos Bois de Carnaval na cultura, estamos querendo chamar atenção para o seu papel de articulador de uma identidade cultural com o povo, como uma herança e consciência de manifestações que valorizam seu grupo; ao passo que quando falamos da sua importância na sociedade, referimo-nos ao seu papel como instituição capaz de promover a inclusão social do seu grupo.

investimentos de toda ordem. Somente assim, poder-se-á, segundo Cornelius Castoriadis pensar numa nova significação imaginária social, que contribua para mudar a realidade social histórica existente.

No que concerne ao papel do Estado – nos seus níveis de ação municipal, estadual e federal –, destacamos que a sua presença ainda se faz importante e necessária em processos de mobilização social como o que estamos discutindo neste ensaio. Sabemos, também, que nos dias que correm, o Estado tem se tornado mais flexível no que diz respeito ao seu modo de intervir na sociedade. Contudo, ele deverá ouvir os diversos grupos sociais que se levantam e encontrar, junto com eles, meios para concretizar as propostas discutidas, democraticamente, pelos diversos grupos sociais que precisam dele, ou seja, o Estado deverá manter o seu princípio fundamental de articulador dos diversos interesses sociais em benefício da coletividade.

Nesta perspectiva, caberá ao Estado articular e viabilizar: as possíveis parcerias de modo mais intenso e concreto com os diversos tipos de grupos sociais (com as agremiações carnavalescas inclusive), deixando de privilegiar poucos grupos em detrimento de uma maioria; os mecanismos que façam com que a força desses grupos sociais, pela importância sócio-cultural que possuem, funcionem como instrumento de inclusão durante todo o ano, e não apenas durante o período carnavalesco; as ações de descentralização não somente da festa do carnaval, com a criação dos Pólos do Carnaval, mas, sobretudo, ações de descentralização dos recursos financeiros disponíveis, repartindo-os entre todas as agremiações que apresentem alguma solicitação; as formas de inclusão, também dos Bois de Carnaval, na vida da cidade, propiciando apresentações nas

escolas e nos pontos turísticos, na realização de exposições em museus ou galerias públicos; a formação de parcerias também com o setor privado (*Shopping Centers* e outros centros comerciais) para a abertura dos seus espaços à realização de exposições etc.

Claro que se deve ponderar o que compete a cada instância do Estado, porém não fizemos esta distinção porque estamos pensando nesta instituição como uma instância articulada e, por isso, inter-mediadora das relações entre os seus diversos níveis de atuação. É verdade que caberia à instância municipal do Estado, aquela que se acha mais próxima das pessoas, resolver as questões de ordem mais local; todavia é este nível do poder do Estado que poderá, além de resolver problemas de âmbito mais operacional, articular os interesses dos diversos grupos sociais do município com as outras instâncias do poder (estadual e federal). Somente num processo eminentemente democrático de discussão e debate, vale reiterar, é que se tornará mais clara a competência de cada instância do “poder” do Estado no processo de construção do espaço, e neste caso lembramos que o espaço deve ser considerado na perspectiva da promoção e conquista da cidadania, ou seja, no âmbito do que M. Santos chamou de espaço do cidadão.

Não se pode negligenciar o papel que algumas ONG s também podem desempenhar, no processo de mobilização dos Bois de Carnaval, no âmbito do monitoramento técnico e operacional quanto à elaboração e apresentação de projetos visando à solicitação de recursos financeiros. Isso para não listar e falar de outras tantas instituições com as quais o movimento poderá contar no seu trajeto de conquista da “abertura de passagem para os Bois de Carnaval”.

Mas, acreditamos que somente os membros dos grupos dos Bois, junto com outros grupos sócio-culturais, possuem as condições e o conhecimento para buscarem essas instituições parceiras. Não me atrevera a sugerir mais nada, porque somente os atores que estão em luta ativa é que podem dar continuidade a essa proposta.

Com isto quereria chamar a atenção dos grupos dos Bois de Carnaval para o fato de que somente eles, como movimento social, é que pode incrementar o seu processo de mobilização rumo ao seu fortalecimento e, por sua vez, à conquista do seu espaço na sociedade. Portanto, compreendendo este movimento como um processo sempre permanente e aberto a novas possibilidades, tudo depende, sobretudo, deles. Daí a necessidade de pensar e agir diferente, atitudes que, aliás, já estão presentes na sua prática de mobilização.

A BUSCA DE NOVAS POSTURAS NO PENSAR E NO ATUAR NO MOVIMENTO SOCIAL

Dar continuidade ao processo de discussão e debate das práticas e dos problemas específicos e gerais vivenciados pelos grupos sociais envolvidos, se faz, assim, uma ação fundamental. No que respeita aos problemas específicos, internos ao movimento, é preciso conhecer efetivamente quantos e, como já dissemos, onde estão localizados os Bois de Carnaval existentes na cidade e procurar incluí-los, a todos, na mobilização do grupo, procurando resolver as prováveis desavenças internas e fazendo valer os interesses comuns do grupo como um todo. Quanto aos problemas gerais, aqueles externos ao movimento, somente mediante a discussão com as instituições “parceiras”, já colocadas acima, é que,

num processo democrático de discussão, conseguir-se-á chegar às soluções cabíveis.

Contribuir para a realização de estudos e pesquisas sobre o papel dos Bois de Carnaval na cultura popular (respeitando a diversidade cultural e reforçando o caráter da sua identidade sócio-cultural) e na sociedade (analisando os possíveis mecanismos de inclusão e participação social), é outra ação que deverá ser destacada. Ao mesmo tempo, faz-se mister organizar acervo referente às produções culturais e artísticas sobre os Bois de Carnaval, registrando as suas manifestações, imagens, os seus escritos etc. e pressionando forças para organização de apresentações e exposições sobre esses Bois não somente no Carnaval, mas ao longo de todo o ano e em todos os lugares disponíveis existentes na cidade.

Também se faz necessário, na busca de mostrar o seu forte papel no que toca a questões de ordem crucial à vida cotidiana de muitos habitantes da cidade, apresentar e defender a importância dos Bois de Carnaval como criadores de vínculos sócio-culturais capazes de contribuir para a inclusão social das pessoas que se envolvem, ao mesmo tempo, como “brincantes”⁴ e como cidadãos. Nesta ótica, em que medida e quais as suas perspectivas de articular e

⁴ Brincantes foi o termo resgatado no Seminário para se referir às pessoas que participam das manifestações da cultura popular como pessoas que objetivam a brincadeira, ou seja, o dançar, cantar etc. pelo prazer e não pela competitividade visando à obtenção de prêmios. A este respeito, gostaríamos de lembrar que o concurso e o prêmio, na maior parte das vezes, tornam-se fortes estimuladores de uma competitividade exacerbada a qual poderá levar até a uma fragmentação da organização do grupo que ainda está se fortalecendo. Nesta perspectiva, por que em vez do concurso e do prêmio, não falar do desfile e do brincar? Já o desfile e a brincadeira possuem melhores condições de promover a cooperação e o prazer pela brincadeira.

concretizar programas de geração de emprego e renda? Sem, é claro, desligar-se da necessidade de contribuir para a consolidação de fortes identidades sócio-culturais capazes de fortalecerem o movimento social no sentido de se incluírem sem perderem as suas características fundamentais.

Enfim, são os grupos sociais, organizados e fortalecidos, esta é a nova postura, que devem procurar ocupar os espaços e os recursos disponíveis à realização das suas propostas, e não ficarem à espera de recursos e soluções vindas do Estado ou de outras instituições externas ao seu movimento, com interesses diferentes dos seus. De qualquer maneira, não obstante a consciência desta necessidade, o movimento esbarra numa série de impasses os quais são inerentes à própria formação sócio-econômica da cidade.

A fundação de uma associação – a Associação dos Bois de Carnaval do Recife? – torna-se fundamental ao referido processo. E isso no sentido também de procurar ações eficazes no sentido de se pensar os Bois de Carnaval na sua articulação visando a um movimento comum: como trabalhar? Onde estão as saídas? Onde buscá-las? Como proceder? Como se articular para empreender discussões no âmbito da Federação Pernambucana do Carnaval, dentre tantas outras instituições atinentes?

DELIMITAÇÃO DOS IMPASSES A SEREM SUPERADOS

Um primeiro impasse a ser resolvido é aquele que se funda na idéia de que há recursos, mas que os grupos sociais não os procuram. É verdade que existem recursos financeiros para o investimento na cultura, mas que não são utilizados por uma parte considerável dos grupos sociais interessados, havendo como que

uma situação de ociosidade quanto ao uso desses recursos; fato que foi colocado tanto pelos representantes dos governos municipal e estadual como pela representante do governo federal a qual apresentou a proposta do Projeto Pontos de Cultura. Chegou-se a colocar explicitamente que há recursos disponíveis e que agora cabe somente aos grupos sociais organizados procurá-los.

Porém, tem-se que considerar que, apesar do fato de existirem programas de investimento na cultura disponibilizados na Internet, o acesso a este novo instrumento tecnológico ainda não está universalizado. Ademais, muita gente ainda não sabe lidar com os mecanismos corriqueiros de uso do sistema informacional, quanto à operacionalização do sistema, por exemplo. Daí a constatação da necessidade ainda existente – e solicitada pelos representantes dos Bois de Carnaval presentes no Seminário – de se disponibilizar lugares e pessoas a quem recorrer em momentos de dúvidas.

Fica muito fácil, da parte dos representantes dos governantes, defender a idéia de que tudo está na Internet e que basta acessar para baixar programas e formulários a fim de preenchê-los e enviá-los visando à obtenção de recursos. Mas se esquecem do fato da baixa qualificação educacional e operacional da maioria da sociedade, em decorrência das péssimas condições da educação pública no Brasil. Portanto, a informacionalização não pode, de maneira alguma, substituir as relações sociais, o contato direto entre as pessoas e os lugares. A este respeito, a citação feita acima, de autoria de Milton Santos, mostrou-nos que o Mundo não prescinde do Lugar; muito pelo contrário, o Mundo é também o Lugar e, dialeticamente, o Lugar é também o Mundo.

Um segundo impasse a ser superado pelo movimento social considerado, in-

trinsecamente decorrente do anterior, é o não conhecimento das pessoas e dos grupos sociais no que toca aos programas sócio-culturais existentes e disponíveis ao investimento. Por exemplo, alguns grupos presentes não sabiam da existência do Projeto Pontos de Cultura do governo federal. Mais uma vez, vale a pena reiterar, fica muito fácil chegar e dizer que há programas e recursos disponíveis, e que é só procurá-los, preenchê-los e enviá-los a fim de obterem os recursos desejados; sem pensar nas reais possibilidades de se concretizar tais tarefas.

Isso nos fez ver a necessidade de se buscar ações mais eficazes no que concerne aos mecanismos de divulgação dos programas e recursos disponíveis para a realização de investimentos no âmbito da cultura. Dessa maneira, as instituições devem investir em ações de divulgação das possibilidades concretas de investimentos que existem de modo que as informações realmente cheguem às pessoas. E não há justificativas para não realizar a universalização das informações: tantas ações governamentais realizadas no sentido da construção e modernização de grandes obras – aeroporto, rodovias, complexos industrial e portuário, revitalizações de espaços – são divulgadas pela imprensa, mas por que razão não se investe na divulgação do que existe para os demais segmentos sociais?

Um terceiro impasse refere-se à consciência de fazer pressão para a participação efetiva dos representantes dos grupos sócio-culturais nas reuniões preparatórias não somente para o momento da festa do carnaval como também para outros momentos festivos da cidade e para a vida social. A discussão da necessidade de se fazer um “plano de mídia”, de ampliar os recursos disponíveis para os Bois e de se eleger o Boi como um tema de um dos próximos carnavais – por que só o frevo e o maracatu? Como interrogaram alguns membros da platéia – foram

reivindicações da parte do movimento dos Bois à procura da sua inclusão como ator importante a ser considerado no processo de decisões atinentes ao uso da cultura popular na cidade.

Diante disto, convém colocar um quarto impasse – não quero dizer último porque outros serão esboçados no processo de mobilização em curso – ao movimento, ou seja, como preservar a sua identidade sócio-cultural e a prática da brincadeira, num mundo que exige cada vez mais uma adequação de todos os acontecimentos aos interesses do mercado? Em outras palavras, a cultura popular deverá ser compreendida como um “produto de venda”, como disseram explicitamente representantes dos governos estadual e municipal – ou como um mecanismo de mobilização e fortalecimento de identidades sócio-culturais dos grupos sociais? Até poder-se-á pensar na cultura como mecanismo de geração de emprego e renda, porém e, sobretudo, é preciso não perder de vista a questão da singularidade e não se deixar levar cegamente pela necessidade do mercado de fazer de tudo um espetáculo visando apenas à venda dos seus “produtos”.

É verdade que no mundo em que vivemos faz-se mister pensar em maneiras efetivas de geração de emprego e renda; não estamos negando este fato. Mas estamos querendo reforçar, ao mesmo tempo, a idéia de que, nesta busca, é preciso não se moldar aos interesses alienantes do mercado, mas fortalecer-se como grupo e movimento sociais para pressionar os “representantes” políticos do povo no sentido de conquistar, garantir e manter o seu espaço na sociedade.

CONCLUSÃO

É assim que se conquista e se constrói um processo radicalmente democrático, ou seja, quando, por um lado, os grupos da sociedade se organizam para participar não somente da gestão, mas também do planejamento da cidade; e, por outro, os governantes ouvem o que esses diversos grupos sociais (organizados) têm a dizer, valorizando as suas opiniões e sugestões, discutindo-as num ambiente de liberdade e igualdade, até que se chegue a soluções que contemplem a sociedade como um todo e não apenas um ou dois grupos sociais específicos. E isso não obstante os impasses existentes e ainda por serem resolvidos.

Os passos nesse sentido já foram e estão sendo dados. É só continuar o processo, sem interrupções porque o trajeto é longo, às vezes, doloroso, mas com grandes possibilidades de se concretizar as utopias esboçadas. Neste sentido, cabe ainda lembrar que não devemos ter medo de expressar as nossas utopias visto que é nelas que reside a nossa capacidade criadora e inovadora, condições fundamentais à construção da cidade que queremos. Coragem e perseverança são palavras mágicas desse processo!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTORIADIS, C. (1977). *A instituição imaginária social*. São Paulo: Paz e Terra.
- ASSOCIAÇÃO DAS AGREMIações CULTURAIS DE BOIS DE CARNAVAL DA CIDADE DO RECIFE. (2005). *Diagnóstico estratégico elaborado junto às agremiações culturais de Bois de carnaval da cidade do Recife. Relatório técnico*. Recife: Ícone Cidadania e Educação.
- HARVEY, D. (2004). *Espaços de esperança*. São Paulo: Loyola.

HARVEY, D. (2005). *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume.

MACDOWELL, L. (1996). A transformação da geografia cultural. In: GREGORY, D., MARTIN, R., SMITH, G. (Orgs.) *Geografia humana: sociedade, espaço e ciência social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

SANTOS, M. (1980). *Por uma geografia nova. Da crítica da geografia a uma geografia crítica*. 2ª. Ed. São Paulo: Hucitec.

SANTOS, M. (1987). *O espaço do cidadão*. São Paulo: Nobel.

SANTOS, M. (1997). *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec.